


## O Fenômeno de Audição de Vozes nas Pesquisas Brasileiras: uma Revisão Integrativa

Gabriele Soares Corrêa<sup>1</sup> , Kirsty Hellen Santos Araujo<sup>2</sup>  e Mariana Cardoso Puchivailo<sup>3</sup> 

*FAE Centro Universitário, Curitiba, Paraná, Brasil*

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objeto o fenômeno humano de audição de vozes, que se caracteriza pela audição de uma ou mais vozes que ninguém, exceto o ouvidor, é capaz de ouvir. Por entender-se tratar de um fenômeno polissêmico, ressalta-se a importância de conhecer quais são seus significados na atualidade. Por isso, a pesquisa aqui relatada teve como objetivo analisar como pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento compreendem o fenômeno da audição de vozes, a partir de suas produções científicas. Como metodologia utilizou-se a revisão integrativa de literatura. O resultado da análise do material possibilitou a construção de quatro categorias no que se refere aos significados atribuídos ao fenômeno, são elas: alucinação auditiva — fenômeno biológico patológico (concepção biomédica); audição de vozes — fenômeno psicológico patológico (concepção psicodinâmica); clariaudiência — fenômeno religioso (concepção religiosa); e audição de vozes — fenômeno humano (movimento de ouvidores de vozes). A partir dessas categorias, é apresentada a compreensão do fenômeno de ouvir vozes para cada uma dessas perspectivas e suas ações de conduta frente ao ouvidor.

**Palavras-chave:** audição de vozes, alucinação auditiva, clariaudiência, revisão integrativa

## The Voice Hearing Phenomenon in Brazilian Research: an Integrative Review

**Abstract:** This research has as object the human phenomenon of voice hearing that is characterized by the hearing of one or more voices that no one, except the listener, is capable of hearing. As a polysemic phenomenon, the importance of knowing what their meanings are today is highlighted. Therefore, the research reported here aimed to analyze how researchers from different fields of knowledge understand the phenomenon of hearing voices, based on their scientific productions. The integrative literature review was used as methodology. The result of the analysis of the material made it possible to construct four categories regarding the meanings attributed to the phenomenon, they are: auditory hallucination — pathological biological phenomenon (biomedical conception); hearing voices — pathological psychological phenomenon (psychodynamic concept); clairaudience — religious phenomenon (religious conception); hearing voices — human phenomenon (voice hearing movement). From these categories, an understanding of the phenomenon of hearing voices is presented for each of these perspectives and their conduct actions towards the listener.

**Keywords:** voice hearing, auditory hallucination, clairaudience, integrative review

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela FAE Centro Universitário. *E-mail:* soaresgabriele055@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela FAE Centro Universitário. *E-mail:* kirstyhellenenvoz@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia. Pós-doutoranda da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. *E-mail:* puchivailomariana@gmail.com

Submetido em: 10/10/2023. Primeira decisão editorial: 26/02/2024. Aceito em: 25/03/2024.

## Introdução

Audição de vozes é um fenômeno comumente associado, nos últimos séculos (a partir do século XIX, no ocidente), às doenças mentais. Há uma tendência, desde o início da psiquiatria, de delimitação desse fenômeno enquanto uma experiência sintomática. Porém, há um crescente número de pesquisas que apresentam uma compreensão da audição de vozes enquanto variação de uma experiência humana usual (Corstens et al., 2008; 2014; Johns & Van Os, 2001).

O fenômeno da audição de vozes pode ser descrito, de forma mais ampla, pela audição de vozes, especificamente das que ninguém, exceto o ouvidor, é capaz de ouvir (Fernandes & Zanillo, 2018). Ou seja, uma experiência que pode ser compartilhada apenas através de uma construção de sentido comum. E não, tal como outras formas de audição, em que há uma estimulação física ao sistema auditivo e como tal pode ser compartilhada enquanto sentido sensorial entre outras pessoas.

Porém, o fenômeno da audição de vozes não se resume a uma só explicação, tal qual a anátomo-fisiológica descrita acima. Em sua pesquisa, Fernandes e Zanillo (2018) defendem que, apesar da compreensão moderna ocidental alegar que a experiência de ouvir vozes é um sintoma de doença mental, há perspectivas distintas acerca desta vivência: “tal fenômeno possui diversos sentidos, entre eles, o de dom espiritual [...] ele pode se manifestar como imagens mentais auditivas, pensamentos vívidos e intrusivos, e percepções de ouvir vozes e sons. Pode haver, também, a sensação de que as vozes sejam geradas por outra entidade” (Fernandes & Zanillo, 2018, p. 2). Isto posto, entende-se este como um fenômeno humano complexo, histórico e social, vivido de diferentes formas e que carrega diferentes significados ligados a si. Durante a história da humanidade, o fenômeno de ouvir vozes recebeu diversas interpretações.

Na cultura grega antiga, por exemplo, relata-se o contato dos deuses com os “mortais” através de diversos tipos de comunicações. “Podemos falar de todos os que, utilizando o poder divinatório que um deus lhes inspira, ditaram a muita gente e em muitas ocasiões o recto caminho a seguir? Fazer isso seria perder tempo com o que é evidente para todos nós” (Platão, 1997, p. 244b).

Platão (2022) discorre sobre uma fala de Sócrates acerca dessa comunicação sendo realizada a partir de uma audição de voz:

Aquela minha voz habitual do daimon em todos os tempos passados me era sempre frequente e se oponha ainda mais nos pequeninos casos, cada vez que fosse para fazer alguma coisa que não estivesse muito bem. Ora, aconteceram-me estas coisas, que vós mesmos estais vendo e que, decerto, alguns julgariam e considerariam o extremo dos males; pois bem, o sinal do deus não se me opôs, nem esta manhã, ao sair de casa, nem quando vim aqui, ao tribunal, nem durante todo o discurso. Em todo este processo, não se opôs uma só vez, nem a um ato, nem a palavra alguma. (Platão, 2022, Terceira Parte - XIX)

Outro exemplo é a compreensão da audição de vozes divinas ou espirituais como um fenômeno religioso. Ao longo da história da humanidade, diversas religiões a consideraram como parte da experiência religiosa, alguns exemplos disso são kardecismo, umbanda, candomblé ou xamanismo, dentre outras (Camargo et al., 2018; Campelo & Monteiro, 2017).

É apenas com a chegada da psiquiatria no século XIX que a audição de vozes ganha um caráter sintomático. Nomeada pela Psiquiatria como “alucinação auditiva”, a experiência passou a ser associada à doença mental (Foucault, 1997; Pelbart, 1989). Machado (2009) pontua que tal dinâmica resulta do processo gradual de empoderamento do discurso psiquiátrico, que passa a exercer seu domínio na compreensão da audição de vozes influenciando, assim, outras práticas sociais. Há também simultaneamente, a partir desse período, uma gradual estigmatização da vivência de ouvir vozes, por ser associada à doença mental.

Entretanto, apesar da posição de credibilidade que a fala psiquiátrica outorga ao campo científico e às práticas sociais atualmente, é possível notar correntes de pensamentos que trilham caminhos distintos do discurso sintomatológico em referência ao fenômeno da audição de vozes. O Movimento de Ouvidores de Vozes (MOV), por exemplo, nasce com o propósito de enfatizar o caráter não patológico desse fenômeno (Corstens et al., 2008; 2014).

A presente pesquisa se propõe a investigar a compreensão da experiência auditiva a partir de

publicações científicas brasileiras. Entende-se a necessidade de reconhecer as compreensões acerca desse fenômeno no contexto da realidade brasileira que possui uma grande diversidade cultural e religiosa. Como será compreendido tal fenômeno num contexto de tamanha diversidade? Quais as consequências destes posicionamentos frente a tal fenômeno na forma como essa é tratada? Entende-se que as diferentes formas de compreensão também reverberam em diferentes ações, reações e práticas em relação a audição de vozes, incluindo aqui as práticas em saúde e as formas de relações sociais que são estabelecidas com o ouvidor de vozes. Desta forma, entende-se necessário compreender como esse fenômeno tem sido considerado.

Pretende-se que esta investigação possa ilustrar, ainda que parcialmente (dado seu recorte voltado às publicações acadêmicas) a realidade brasileira em relação à compreensão acerca desse fenômeno. Ademais, tal como elucida Egito e Silva (2019), a discussão acerca do fenômeno de ouvir vozes se faz imprescindível dado a uma carência teórica acadêmica que objetiva uma investigação crítica e aprofundada acerca de tal fenômeno, para além de sua concepção hegemônica.

## Metodologia

O método escolhido para a realização desta pesquisa foi a revisão integrativa, a escolha se deu em virtude de que, como aponta Broome (2000), tal método proporciona uma compreensão abrangente e crítica do objeto de estudo analisado. Dessa forma, foi possível estudar o fenômeno de ouvir vozes de forma ampla e realizar uma síntese rigorosa do conteúdo encontrado. A revisão integrativa também possibilitou a inclusão de estudos de diversas metodologias, assim como permitiu a combinação de dados de literatura teórica e empírica em diferentes áreas do conhecimento (Mendes et al., 2008).

Um retrato compreensivo no contexto das pesquisas brasileiras sobre o tema da audição de vozes permite a identificação de possíveis lacunas nessas produções, direcionamento de necessidades para futuras pesquisas e reflexões sobre a implicação dos resultados obtidos no contexto de vida dos ouvidores de vozes.

Para a construção da revisão integrativa foram percorridas as seguintes etapas: 1) Identificação do tema e elaboração da questão norteadora da pesquisa;

2) Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão e busca na base de dados; 3) Categorização dos estudos; 4) Avaliação dos estudos incluídos na revisão; 5) Interpretação dos resultados; e 6) Apresentação da revisão do conhecimento (Mendes et al., 2008).

A revisão integrativa foi realizada nas seguintes bases de dados: PubMed, Lilacs, BVS Brasil, BVS Psicologia, SciELO, PePSIC, Sumários e Diadorim. Por ser um fenômeno polissêmico, e em prol de alcançar a abrangência necessária a esta pesquisa, houve a necessidade de buscar bases de dados que alcançassem diferentes áreas do conhecimento, especialmente as que fossem referências nas ciências humanas e ciências da saúde. Além disso, também foram usadas palavras diversificadas como descritores, que fizessem jus às diferentes compreensões sobre o fenômeno: “Ouvir vozes”, “Ouvidores de vozes”, “Alucinação auditiva”, “Ouvir vozes” + “(Psiquiatria, Assistência Social, Psicologia, Enfermagem, Terapia Ocupacional)” e “Ouvir vozes + Estudo de caso”, “Ouvir vozes + Experiência”, “Clariaudiência”<sup>4</sup>, “Experiências anômalas + Religião”<sup>5</sup>, “Mediunidade”<sup>6</sup> e “Psicografia”<sup>7</sup>. A audição de vozes é um fenômeno polissêmico, desse modo, é

---

<sup>4</sup> Também conhecida como “audição espiritual”, a clariaudiência é uma prática desenvolvida pelos médiuns audientes e, de acordo com Kardec, consiste na habilidade de ouvir a voz dos espíritos. Kardec (2003) usa a expressão “foro íntimo” para se referir a essa audição, posto que ela é semelhante a um pensamento do indivíduo. Mas, segundo Kardec (2003), a voz também pode ser mais clara, distinta da anterior por ser não semelhante a um pensamento.

<sup>5</sup> Martins (2016) apresenta as experiências anômalas como vivências subjetivas incomuns, experimentadas por muitos. Tais experiências contrastam os parâmetros culturais estabelecidos, porém não possuem necessariamente relação obrigatória com patologias. O autor pontua exemplos destas como a mediunidade e as curas espirituais. A partir desse conhecimento, foi usado o termo “experiência anômalas” combinado com “religião”, ou seja, “experiências anômalas + religião”.

<sup>6</sup> A mediunidade, atividade muito comum no Espiritismo, refere-se à capacidade de comunicação com seres sobrenaturais, ou seja, espíritos de pessoas falecidas ou de outras naturezas (Campelo & Monteiro, 2017; Scorsolini-Comin & Campos, 2017).

<sup>7</sup> A psicografia é entendida como um tipo de mediunidade na qual o médium escreve textos sob a orientação dos espíritos ou entidades (Campelo & Monteiro, 2017), sendo assim, fala sobre uma comunicação também, entre médium e espírito que pode ou não, ser audível, por isso “psicografia” foi usada entre os descritores.

esperado que diferentes perspectivas nomeiem esta experiência de modos distintos. No âmbito religioso, o ouvir vozes se apresenta como mediunidade, enquanto na esfera biomédica, este é chamado de alucinação auditiva. Assim sendo, foi preciso utilizar descritores diferentes, para que todos os pontos de vista fossem contemplados. Cumpre aqui destacar que não foi feito um recorte temporal específico, dado que era intenção das autoras analisar nos trabalhos as mudanças de perspectivas e interpretações acerca do fenômeno de ouvir vozes em relação à passagem do tempo.

As buscas foram realizadas de setembro a novembro do ano de 2020. Foram encontradas 111 produções científicas. Como critérios de inclusão foram considerados os seguintes requisitos: produções científicas em português, que discorrem acerca do fenômeno de ouvir vozes, disponibilidade de acesso ao material na íntegra e gratuitamente. Para os critérios de exclusão: produções em outras línguas, não abordar a temática da audição de vozes, trabalhos aos quais não havia acesso ao texto completo. Foi realizada a leitura dos resumos por duas juízas independentes (caso houvesse discordância, uma terceira juíza era acionada), e, após a leitura destes, considerando os critérios de inclusão, foram selecionados 76 trabalhos para serem analisados na íntegra.

Após a leitura na íntegra do material, foram estabelecidas quatro categorias que representam a compreensão acerca do fenômeno de ouvir vozes nas pesquisas encontradas. No processo de construção das categorias, buscou-se primar pela fidelidade à linguagem dos próprios autores. As categorias são:

- Categoria A — Fenômeno Biológico Patológico (Concepção Biomédica): essa categoria representa pesquisas que dissertam sobre o fenômeno de ouvir vozes enquanto alucinação auditiva, enquanto sintoma de uma doença mental ou efeito colateral de algum tratamento medicamentoso.
- Categoria B — Fenômeno Psíquico Patológico (Concepção Psicodinâmica):

nesta categoria, a audição de vozes é entendida como uma experiência patológica, porém, o contexto do indivíduo, bem como a funcionalidade das vozes também serão levadas em consideração.

- Categoria C — Fenômeno Religioso (Concepção Religiosa): nessa categoria, estão as produções científicas que apresentam a audição de vozes como um fenômeno religioso, seu significado é compreendido a partir das doutrinas e crenças de cada religião específica.
- Categoria D — Fenômeno Humano que Acolhe Diversas Significações: essa categoria é representada pelo Movimento de Ouvidores de Vozes e representa produções científicas que compreendem a audição de vozes enquanto um fenômeno humano não necessariamente patológico, que não deve ser previamente significado, seu significado deve ser constituído a partir dos referenciais do próprio sujeito.

Os trabalhos selecionados para a leitura completa e análise foram 58 artigos, 6 depoimentos de experts por experiência e 12 entrevistas. Tanto os depoimentos de experts por experiência quanto as entrevistas foram todos classificados como a categoria D — Fenômeno Humano (Movimento de Ouvidores de Vozes). A seguir, a Figura 1 apresenta o título, autor(es) e ano de publicação de todos os materiais analisados. A figura está dividida por ordem alfabética e por categoria.

**Figura 1**

continua

*Informações dos trabalhos selecionados.*

Título	Autor(es)	Ano
A amigaloidectomia no tratamento das alucinações auditivas	Freemn	1957
A interface entre distúrbio obsessivo-compulsivo e esquizofrenia: desafios da prática clínica	Torres et al.	1997
Alucinações auditivas musicais no idoso: relato de caso	Cunha e Rocha	1991
Aspectos psicopatológicos e forenses de mulheres homicidas com diagnóstico de transtornos psicóticos primários: estudo de série de casos	Valença	2008
Automutilação de dedos e lábio em paciente esquizofrênico	Diniz e Krelling	2006
Catatonía: manifestação rara na doença mista do tecido conjuntivo	Masseto et al.	2000
Efeito do cloridrato de quetamina em epiléticos crônicos	Cremonesi et al.	1984
Paralisia do sono recorrente - medo de dormir	Ramos et al.	2020
Potenciais evocados auditivos de tronco encefálico em usuários de crack e múltiplas drogas	Nigri et al.	2009
Sintomas psiquiátricos entre pacientes com demência atendidos em um serviço ambulatorial	Almeida	1999
A estrutura sintática e semântica dos delírios de perseguição e de referência na esquizofrenia paranoide: um estudo de caso	Ferreira	2010
Pesquisa clínica em saúde mental: o ponto de vista dos usuários sobre a experiência de ouvir vozes	Muñoz et al.	2011
Analogias e diferenças entre reuniões mediúnicas espíritas e o atendimento em psicologia clínica (audientes)	Vergilio e Holanda	2010
A feitura do santo: percursos desenvolvimentais de médiuns em iniciação no Candomblé	Camargo et al.	2018
As investigações dos fenômenos psíquicos/espirituais no século XIX: sonambulismo e espiritualismo, 1811-1860	Pimentel et al.	2016
Dissociação, crença e criatividade: uma introdução ao pensamento de Théodore Flournoy	Maraldi et al.	2016
Dissociação, religiosidade e saúde: um estudo no Santo Daime e na umbanda	Mizumoto	2012
Experiências anômalas e dissociativas em contexto religioso: uma abordagem autoetnográfica	Maraldi et al.	2020
Explicando conceitos espíritas em Mecanismos da Mediunidade parte II: analogia com circuitos elétricos	Fonseca	2017
Fenômenos psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada	Alvarado	2013
Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas	Maraldi	2011
Mecanismos da Mediunidade segundo o Espiritismo	Fonseca	2020
Mediunidade e iniciação: notas sobre a iniciação de crianças na Umbanda	Campelo e Monteiro	2017
Nos batiques dos quintais: as compreensões dos povos de Umbanda sobre saúde, adoecimento e cuidado	Rocha et al.	2019
Narrativas desenvolvimentais de médiuns da umbanda à luz do modelo bioecológico	Scorsolini-Comin e Campos	2017
Neuroimagem e mediunidade: uma promissora linha de pesquisa	Peres e Newberg	2013
O potencial consolador das cartas psicografadas na saúde emocional de enlutados	Hott e Reinaldo	2020
Perfil sociodemográfico e de experiências anômalas em indivíduos com vivências psicóticas e dissociativas em grupos religiosos	Menezes Jr. et al	2012
Pesquisa em mediunidade e relação mente-cérebro: revisão das evidências	Moreira-Almeida	2013
Psicologia da mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial	Zangari e Maraldi	2009
Reflexões sobre a Ciência Espírita	Xavier	2013
Religiosidade e experiências anômalas no protestantismo brasileiro	Torres	2016
Reuniões mediúnicas espíritas: explorando significados e efeitos para seus participantes	Vergílio e Holanda	2011
Representações sociais de fenômenos anômalos em profissionais clínicos de psicologia e psiquiatria	Shimabucuro	2010
Sentidos da Mediunidade nos Candomblés Ketu e Efon	Scorsolini-Comin et al.	2020
Ouidores de vozes de um serviço de saúde mental: características das vozes e estratégias de enfrentamento	Couto e Kantorski	2020
Ouidores de vozes: características e relações com as vozes	Kantorski et al.	2018
Ouidores de vozes: relações com as vozes e estratégias de enfrentamento	Kantorski et al.	2018
Ouidores de vozes: uma revisão sobre o sentido e a relação com as vozes	Couto e Kantorski	2018



**Figura 1**

conclusão

*Informações dos trabalhos selecionados.*

Título	Autor(es)	Ano
Ouvir vozes: um estudo etnográfico de ambientes virtuais para ajuda mútua	Barros e Serpa Jr.	2017
Ouvir vozes: um estudo sobre a troca de experiências em ambiente virtual	Barros e Serpa Jr.	2014
Para além da alucinação auditiva como sintoma psiquiátrico	Fernandes e Zanello	2018
Perfil sociodemográfico e de experiências anômalas em indivíduos com vivências psicóticas e dissociativas em grupos religiosos	Menezes Jr. et al.	2012
Redes e mídias sociais: o potencial multiplicador para a ajuda mútua de ouvidores de vozes	Barros, Melca e Serpa Jr.	2018
Reexistindo às vozes dos “eu’s”	Lopes et al.	2018
Relato de um expert por experiência de um grupo de ouvidores de vozes	Alves e Barros	2018
Relatos sobre suicídio e vozes: um estudo etnográfico	Monnerat	2018
Ouvidores de vozes no Brasil: as sementes do movimento	Oliveira et al.	2018
Situações de vida relacionadas ao aparecimento das vozes: com a palavra os ouvidores de vozes	Kantorski et al.	2018
Sobre os caminhos do primeiro grupo de ouvidores de vozes no Brasil	Coimbra et al.	2018
Um desafio cotidiano: aprender a conviver com as vozes	Bender et al.	2018
Um pouco da história da formação de um grupo de ouvidores de vozes: entrevista com Abmael de Sousa Alves	Sousa e Souza	2018
Uma nova visão acerca da experiência de ouvir vozes	Souza et al.	2018
Valorizando as experiências pessoais, dialogando com as vozes e possibilitando o convívio: relatos de Ron Coleman	Brum et al.	2018

### Análise dos Dados

A Figura 2 demonstra a quantidade de trabalhos encontrados em cada categoria, as áreas do conhecimento às quais pertenciam os autores dessas produções, os intervalos de anos de publicação e palavras-chave mais utilizadas na descrição do fenômeno de ouvir vozes.

**Figura 2***Análise do material selecionado.*

	<b>Categoria A: Fenômeno Biológico Patológico</b>	<b>Categoria B: Fenômeno Psíquico Patológico</b>	<b>Categoria C: Fenômeno Religioso</b>	<b>Categoria D: Fenômeno Humano</b>
<b>Quantidade de materiais encontrados</b>	10	2	23	41
<b>Áreas do conhecimento ligadas às profissões dos autores</b>	Neuropsiquiatria; Medicina; Psiquiatria; Reumatologia; Fonoaudiologia.	Psicologia; Psicanálise; Psiquiatria.	Psicologia; Física; Psiquiatria; Medicina; Enfermagem; Neurociência; Arquitetura; Urbanismo; História.	Enfermagem; Psicologia; Psiquiatria; Filosofia; Educação Física; Serviço Social; Antropologia; Direito; Sociologia da Saúde; Terapia Ocupacional; Pedagogia; Biologia.
<b>Intervalo de ano de publicação</b>	1957-2009	2010-2011	2009-2020	2012-2020
<b>Palavras-chave mais utilizadas</b>	Alucinação auditiva	Audição de vozes; Ouvidores de vozes	Psicografia; Experiências anômalas; Mediunidade	Audição de vozes; Ouvidores de Vozes

Foram encontrados artigos que datam de 1957 a 2020, totalizando um intervalo de 63 anos. A categoria A que representa a compreensão da audição de vozes enquanto fenômeno biológico patológico contempla as produções mais antigas. É compreensível que se dê dessa forma, já que enquanto fenômeno de interesse da ciência, a audição de vozes é primeiramente abordada academicamente pela psiquiatria. É possível observar que, apesar da proeminência que o discurso biomédico tem acerca da audição de vozes no campo da saúde

mental, os dados quantitativos apontam para um pequeno número de artigos nesta categoria. A partir da análise realizada, compreende-se que isso possa estar relacionado com as escolhas das palavras descritoras. No campo biomédico, a audição de vozes, compreendida a partir da noção sintomática da alucinação auditiva, dificilmente é discutida enquanto fenômeno singular, mas usualmente apenas como um dos sintomas de diferentes transtornos mentais. Ao pesquisar os referidos transtornos mentais (por exemplo, a esquizofrenia, dentre outros), observa-se uma vasta quantidade de produções científicas. A alucinação auditiva considerada individualmente, enquanto objeto de estudo, parece ser com pouca frequência abordada.

A categoria D representou a maior quantidade de materiais. Entende-se que isso demonstra o interesse do movimento em se debruçar especificamente pelo fenômeno da audição de vozes. Desta forma, as palavras descritoras escolhidas acabaram selecionando uma quantidade de trabalhos maior dessa perspectiva. Porém, os trabalhos possuem menor amplitude em relação à diversidade de revistas em que publicam, cerca de 23 trabalhos, entre os 41 que se enquadram na categoria D, foram publicados na *Journal Nursing and Health*. Pode-se observar também que há uma repetição maior de autores. As publicações da categoria D são mais recentes, publicadas com maior assiduidade em 2017 e 2018, estando disponíveis ao acesso do público há menos tempo. Esses dados parecem demonstrar que apesar de se ter cada vez mais materiais publicados dessa perspectiva, ela ainda pode estar restrita à visibilidade de apenas alguns grupos que se interessam pelo assunto.

A categoria C também apresentou uma quantidade significativa de artigos, demonstrando ser uma temática de interesse e significância às temáticas religiosas e espirituais. Outro ponto importante, diz respeito às áreas de conhecimento e profissionais. As categorias C e D possuem profissionais de áreas do conhecimento bastante distintas, enquanto na categoria A, nota-se que há uma prevalência de profissionais da Medicina, Psiquiatria e da Neuropsiquiatria. As categorias C e D enfatizam em suas produções a relevância da multidisciplinaridade

nas áreas do conhecimento que debatem a audição de vozes, devido à sua complexidade. Para exemplificar esta multidisciplinaridade presente nas produções, um dos autores de um artigo selecionado, Fonseca (2020), comenta que “com base em conceitos de Física, Química e Engenharia Elétrica, essa obra se propôs a apresentar uma explicação dos mecanismos do fenômeno mediúnico” (p. 1), assim, o autor faz uso de teorias de áreas da engenharia e ciências exatas, para elucidar as experiências transcendentais presentes nas reuniões mediúnicas. Porém, há também um dos artigos dessa categoria em que não se caracteriza como um trabalho multidisciplinar, neste caso as áreas do Urbanismo e Arquitetura representam apenas as profissões dos autores do trabalho, porém a discussão realizada na pesquisa se dá sob um viés sociológico e histórico.

### **Análise a Partir das Categorias**

#### **Categoria A: Fenômeno Biológico Patológico (Concepção Biomédica)**

Em um estudo de caso, Cunha e Rocha (1991) descrevem a alucinação auditiva “enquanto [uma] percepção sensorial sem estimulação externa do respectivo órgão” (Cunha & Rocha, 1991, p. 288). Os artigos da referida categoria se apoiam em uma perspectiva explicativa biológica, a partir de uma concepção biomédica, que entenderá a alucinação auditiva enquanto desordem orgânica.

Os trabalhos analisados utilizam como uma de suas principais referências os manuais CID-10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde) e DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais) para categorizar tal fenômeno. Em ambos, a alucinação enquanto sintoma aparece em diferentes categorias diagnósticas, especialmente ligada a fenômenos categorizados como psicóticos.

Para elucidar o pensamento que caracteriza essa categoria, apresentaremos algumas produções científicas analisadas. Cunha e Rocha (1991) realizaram um estudo de caso de uma paciente idosa, a qual relatava ouvir músicas. A vivência foi nomeada pelos autores como “alucinação auditiva musical”,

sendo interpretada como sintoma de um quadro de alucinação orgânica por privação sensorial, visto que ela manifestava também hipoacusia. O tratamento se deu a partir da ministração de medicamentos com o intuito de cessar o sintoma. Segundo os autores “O tratamento consistiu em correlação da depressão através da elevação da dose imipramina para os níveis prévios (100mg/dia), e tentativa em vão de corrigir o distúrbio senso-perceptivo, através da introdução de antipsicóticos” (Cunha & Rocha, 1991, p. 288). No estudo, é possível visualizar a compreensão do fenômeno enquanto sintoma orgânico e a ênfase do uso de medicação para as intervenções.

Os autores relatam como a experiência é vivida pela paciente “Menos frequentemente ocorriam músicas mais atuais, como também músicas ‘grandiosas, desconhecidas, gostosas de escutar’ [...] As músicas eram instrumentais, predominantemente sacras, de tonalidade triste, conhecidas durante a infância e adolescência da paciente” (Cunha & Rocha, 1991, p. 287-288). Porém, a definição do fenômeno se dá a partir da percepção e interpretação dos profissionais da saúde, e não pela pessoa que o experienciou.

Já no estudo de Masetto et al. (2000), a audição de vozes é considerada resultante de tratamento clínico. Os autores relatam um estudo de caso em que uma paciente é acometida pela Doença Mista do Tecido Conjuntivo. Após iniciar o tratamento médico, a paciente manifesta alucinações visuais e auditivas com delírio paranoide, resultando, por último, em um estupor catatônico decorrente do uso dos medicamentos. Segundo os autores: “Após um ano do diagnóstico [a paciente] apresentou quadro abrupto de alteração de comportamento, ar perplexo e desconfiado, com discurso lentificado de conteúdo delirante paranoide e alucinações visuais e auditivas” (Masetto et al., 2000, p. 261). A terapêutica medicamentosa proposta objetivou a cessão dos sintomas relatados, porém, segundo os autores, não houve melhora no quadro clínico. Nesse artigo, é possível verificar que há a mesma compreensão do fenômeno de ouvir vozes enquanto sintoma orgânico, porém, neste caso como efeito colateral de um tratamento medicamentoso.

Nos dez trabalhos encontrados, o fenômeno de ouvir vozes é entendido enquanto sintoma,

ligado a uma doença, ou enquanto efeito colateral medicamentoso, ambos de causalidade orgânica. Enquanto tal, o fenômeno é considerado em ambas as situações como uma disfunção que deve ser remediada, desta forma, pressupõe-se a necessidade de tratamento que objetiva a eliminação do sintoma ou efeito colateral, através de intervenções medicamentosas ou cirúrgicas.

### **Categoria B: Fenômeno Psíquico Patológico (Concepção Psicodinâmica)**

Nesta categoria, a audição de vozes será entendida como uma experiência patológica, porém, o contexto do indivíduo, bem como a funcionalidade das vozes serão levadas em consideração. De acordo com Muñoz et al. (2011), há uma ideia muito difundida entre os profissionais da saúde de uma busca pela erradicação do fenômeno auditivo, independente do arcabouço de vida do sujeito. Cientes das demandas emocionais que esta vivência ocasiona aos ouvintes, os autores pontuam que “apoiar e acolher essas pessoas em seu sofrimento é um passo importante na construção de modos de cuidado mais humanos, contribuindo para mudar a forma como a sociedade trata essa dimensão” (Muñoz et al., 2011, p. 84).

Os autores das produções aqui expostas apresentam um viés psicodinâmico. O estudo de Ferreira (2010), por exemplo, apresenta a audição de vozes em um caso de Esquizofrenia Paranoide, oferecendo a teoria psicanalítica como base para compreensão do fenômeno.

O doente pode ouvir ruídos, barulhos de tiros, portas sendo arrombadas, sons que não são ouvidos por outras pessoas, o que caracterizaria as alucinações auditivas não verbais. Por outro lado, o doente também pode ouvir palavras isoladas, frases, enunciados e mesmo discursos complexos, vozes que não são ouvidas por outras pessoas, o que definiria as alucinações auditivas verbais. O portador de esquizofrenia paranoide, na grande maioria dos casos, diz que esses sons e vozes são produzidos por pessoas que desejam matá-lo ou arruiná-lo. (Ferreira, 2010, p. 230)

Pode-se perceber através da citação um



posicionamento que considera o ouvidor de vozes enquanto alguém com um transtorno mental e a definição da audição de vozes como alucinações auditivas. Nessa citação, é possível perceber o caráter patológico presente na compreensão acerca do fenômeno.

Para Muñoz et al. (2011), a audição de vozes é compreendida enquanto uma experiência subjetiva inerente à condição humana e, como tal, deve ser encarado em sua pluralidade, sem perder as narrativas intrínsecas de cada sujeito. Os autores pontuam a importância de credibilizar “a incidência subjetiva da vivência e acompanhar seus desdobramentos na relação do sujeito com o mundo” (p. 84). O conteúdo do discurso do sujeito, seja ele, aparentemente, desconexo ou coeso, brilhante ou fragmentado, deve ser compreendido, posto que é por meio deste que o profissional terá acesso às informações no que concerne o paciente e suas relações interpessoais: “o problema principal não reside no fato de ouvir vozes, mas na dificuldade de estabelecer algum tipo de convivência com elas” (Muñoz et al., 2011, p. 84). Deste modo, nota-se que o grande obstáculo, no que concerne às vozes, não está na audição delas, mas na falta de clareza e lucidez de seu conteúdo e, por consequência, na impossibilidade de coabitação. Em razão de não entender o significado das vozes que insistem em se manifestar, o ouvidor deseja eliminá-las de sua vida, dado que acredita que o convívio com elas é algo inalcançável.

No que se refere às intervenções e estratégias terapêuticas, ainda que haja uma postura que valoriza, estima e acolhe o ouvidor, promovendo, assim, sua autonomia e credibilizando sua narrativa, os autores não anulam a necessidade de uma investigação psicodinâmica alicerçada nos critérios diagnósticos do âmbito clínico (Muñoz et al., 2011).

As duas produções encontradas que representam a categoria Psicodinâmica apontam para uma compreensão do fenômeno de ouvir vozes enquanto uma expressão psicodinâmica que apresenta um caráter psicopatológico. As intervenções enfatizam a necessidade da compreensão dos significados individuais assentados

em sua biografia para que a compreensão psicodinâmica e o processo psicoterapêutico ou psicanalítico possam se dar.

### **Categoria C: Fenômeno Religioso (Concepção Religiosa)**

Segundo Camargo et al. (2018), as vozes nos rituais religiosos representam orientações fundamentais para os procedimentos místicos-religiosos, ou seja, fazem parte do contexto religioso, não sendo consideradas patológicas em si. A audição de vozes neste contexto se apresentou nas pesquisas analisadas através das discussões acerca da vivência da Mediunidade, Clariaudiência e da Psicografia (que se dá também através da comunicação via audição<sup>8</sup>). Os materiais analisados discorrem sobre a audição de vozes a partir de três religiões: Espiritismo, Candomblé e Umbanda.

Os autores dessa categoria apontam a importância da audição de vozes no cotidiano religioso e nas práticas sociais de suas comunidades. Segundo Campelo e Monteiro (2017), a mediunidade é um aspecto fundamental da prática religiosa da Umbanda. Os autores afirmam que as entidades e os guias incorporam nos médiuns, lhes capacitando espiritualmente para práticas sociais que são consideradas boas e que representam uma ética religiosa, como a prática da caridade. Hott e Reinaldo (2020) pontuam que a Psicografia no Espiritismo também possui uma importância comunitária em relação ao enfrentamento de situações de seus membros, oferece, através das cartas escritas por médiuns, alívio, consolo e direcionamentos.

Campelo e Monteiro (2017) relatam sobre as práticas de capacitação dos médiuns, oriunda das entidades, enfatizando que a mediunidade deve ser exercitada:

na Umbanda é necessário uma série de ritos iniciáticos que transformam uma pessoa em um veículo das divindades, isto é, a

---

<sup>8</sup> De acordo com Kardec (2003), há várias maneiras de realizar a psicografia. São elas: a mecânica, a semimecânica, a intuitiva, a inspirada e a de pressentimentos.

transforma em um cavalo<sup>9</sup> dos espíritos ou deuses que são cultuados no espaço do terreiro. (Campelo & Monteiro, 2017, p. 110)

A audição de vozes, contextualizada na mediunidade, são expressões do ser religioso, portanto, não é considerada um fenômeno patológico, já que está contextualizada e justificada dentro da esfera religiosa.

Camargo et al. (2018) discorrem sobre a audição de vozes no Candomblé enquanto um fenômeno de importância coletiva e individual. Ao iniciar no Candomblé, o abiã<sup>10</sup> passa por ritos iniciatórios para que possa ser reconhecido, futuramente, como um médium, o que lhe resultará em uma nova identidade social. Durante as celebrações religiosas, o médium receberá a energia do seu orixá, essa relação, por sua vez, oportuniza uma comunicação ocasional com os espíritos. Aqui podemos notar que a prática da mediunidade, incluindo a audição de vozes, é almejada. Os pesquisadores afirmam que, antes mesmo que o indivíduo inicie as práticas religiosas, o orixá já se dedica em construir um relacionamento amigável com o futuro médium, esse vínculo pode se dar através de pensamentos que o sujeito reconhece não sendo seus. Os autores apresentam um exemplo do médium Gustavo, o qual relatou o que lhe informou um orixá, “Gustavo! Aqui é Obaluaê, se prepare que, no próximo barco, você vai se iniciar’. Ele só falou isso. Eu estava tipo, eu ia dormir e veio isso na minha cabeça” (Camargo et al., 2018, p. 6).

As 23 produções encontradas nesta categoria compreendem a audição de vozes como uma manifestação religiosa, transcendente, entendida como uma expressão benéfica, sinônimo da conexão com o mundo espiritual. Diante de tal compreensão, as intervenções realizadas são de cunho religioso, com o intuito de auxiliar o desenvolvimento da mediunidade.

#### **Categoria D: Fenômeno Humano (Movimento de Ouidores de Vozes — MOV)**

Um dos princípios fundamentais assumido nesta categoria é o de “tratar de modo normalizado

---

<sup>9</sup> Cavalo se refere à pessoa que está em estado de transe com alguma entidade.

<sup>10</sup> Todo recém-agregado ao Candomblé.

o fenômeno de ouvir vozes, como sendo parte natural da experiência humana” (Corradi-Webster et al., 2018, p. 4). O enfoque dessas produções está no esforço de desconstruir a compreensão patológica acerca do fenômeno de ouvir vozes. Todos os trabalhos enquadrados nessa categoria se intitulam do MOV ou o colocam como referência à compreensão que possuem acerca do fenômeno em questão.

O MOV surgiu na Holanda, por volta de 1980, quando a paciente Pasty Hage, ouvidora de vozes, questiona seu psiquiatra, Marius Romme, a respeito da veracidade de sua experiência auditiva, argumentando que as vozes que ouvia eram tão reais e significativas quanto as divindades de qualquer religião organizada. Romme passa a investigar o sentido destas vozes na vida de seus pacientes. A partir disso, chegou à conclusão de que reduzir o fenômeno a um sintoma psiquiátrico e objetivar sua eliminação não traria efeitos positivos e benéficos aos pacientes, pelo contrário, esta conduta privava o ouvidor tanto de desenvolver formas alternativas de lidar com estas vivências como também de uma compreensão para além das percepções biomédicas (Corradi-Webster et al., 2018). Corradi-Webster et al. (2018) dissertam acerca de alguns valores centrais empregados pelo MOV com relação a audição de vozes:

O primeiro deles diz respeito a tratar de modo normalizado o fenômeno de ouvir vozes, como sendo parte natural da experiência humana [...] O segundo valor defendido pelo movimento coloca que devem ser respeitados os diferentes significados atribuídos ao fenômeno, sem privilegiar um como verdade. (Corradi-Webster et al., 2018, p. 4)

Vê-se como principais premissas a despatologização do fenômeno, explicitando-o como um evento humano, enfatizando a polissemia da vivência, e a compreensão do fenômeno a partir do próprio sujeito, tendo como pano de fundo seu contexto, sua cultura e sua história.

Segundo Fernandes e Zanello (2020), existem pesquisas que assinalam componentes fisiológicos em relação a tal fenômeno, de forma que se torna indispensável analisar cada caso em sua singularidade, porém, entendem que não há a possibilidade de compreensão da complexidade e variedade de

experiências reduzindo a uma explicação biomédica, são necessárias as compreender a partir também de um atravessamento de questões de gênero, cor da pele, etnia, orientação sexual, credo religioso dentre outros atravessamentos relativos ao tema, “tendo em vista a possibilidade de proporcionar uma maior qualidade de vida e de suporte para ouvidores de vozes e seus cuidadores” (Fernandes & Zanello, 2020, p. 9).

Os pesquisadores que compõem esta categoria relatam algumas dificuldades que os ouvidores de vozes podem encontrar no contexto atual para conviver e compartilhar essa experiência, seja pelo estigma associado ao ouvir vozes, ou pela dificuldade em sua descrição. Kantorski et al. (2018) relatam que o discurso hegemônico em relação à audição de vozes é de que são expressões que remetem à loucura e à desrazão, assim, os ouvidores muitas vezes optam por não compartilhar suas experiências, cientes de que estas geralmente despertam dúvidas sobre a veracidade de seu discurso e sua sanidade. Cardano (2018) aponta que, no cotidiano, o ouvidor de vozes, por vezes, não consegue identificar com clareza a origem destas e, por conseguinte, não encontra palavras oportunas para compartilhar esta experiência com outras pessoas. O autor compara essa característica à dor física, posto que, a “nossa dor é somente nossa, não podemos mostrá-la a outros, podemos – isso sim – falar dela, descrevê-la, mas ninguém nunca poderá senti-la como nós a sentimos” (Cardano, 2018, p. 2).

Pensando nisso, o MOV tem adotado e propagado os grupos de ajuda. A proposta é criar um espaço onde os ouvidores de vozes possam se sentir à vontade para partilhar suas experiências, sem o receio de serem criticados, ridicularizados ou tendo seus discursos descredibilizados. Nos grupos de apoio, os ouvidores têm liberdade para falar, criando eles mesmos as próprias narrativas acerca do que é ouvir vozes, a partir de sua experiência. Nesta categoria, as vozes não necessariamente precisam ser extintas, mas sim compreendidas e aceitas em sua polissemia.

Os 41 trabalhos encontrados que representam essa categoria compreendem o fenômeno de ouvir vozes enquanto uma experiência humana que não deve ser patologizada. Enquanto

tal, a atribuição de significado a esse fenômeno deve ser feita a partir do próprio sujeito ouvidor. As intervenções propostas se voltam a auxiliar o ouvidor tanto na compreensão de sua experiência quanto nas formas de lidar com esta.

## Considerações Finais

A partir da revisão integrativa realizada, pôde-se vislumbrar uma síntese do panorama da literatura brasileira acerca da compreensão sobre o fenômeno da audição de vozes. Entende-se que o panorama apresentado consegue demonstrar diversos aspectos da realidade dos últimos 63 anos sobre como significamos e lidamos com a audição de vozes. As quatro perspectivas apresentadas estão presentes em nosso contexto brasileiro contemporâneo. Porém, dificilmente elas dialogam entre si, estando geralmente restritas aos seus próprios pares, que compartilham o mesmo ponto de vista. Uma das intenções de contribuição da pesquisa aqui apresentada é a de colocar em uma mesma produção estes diferentes pontos de vista, visando abrir espaço para uma polifonia de vozes que, em sua diversidade, busca uma ampliação da compreensão acerca desse complexo fenômeno.

A partir das análises realizadas, foi possível visualizar as repercussões das ações e reações frente à experiência de ouvir vozes. Na concepção biomédica, o ouvidor de vozes é submetido às construções de sentido e direções da equipe médica. Assim, o significado atribuído à audição se dá a partir da avaliação do profissional, não oportunizando com que a própria experiência e construção de sentido do sujeito tenha espaço durante esse processo. O MOV enfatiza a importância da participação do ouvidor de vozes, deseja que possam transmitir suas narrativas a respeito do fenômeno. Eles realçam que é fundamental que o ouvidor tenha autonomia suficiente para compreender sua experiência e não fique restrito apenas à compreensão biomédica.

Ao interpretar a audição de vozes enquanto uma possibilidade de expressão humana, busca-se estabelecer maneiras com que o indivíduo possa conviver com a sua experiência da melhor forma possível. Tal distinção fica ainda mais saliente

quando se observa o discurso religioso, que declara a natureza transcendente da audição de vozes. Assim sendo, as ações nesse campo visam o bom desenvolvimento desse contato com o divino em oposição à sua eliminação, já que se apresenta como um elemento fundamental para a prática religiosa. É um fenômeno que se compreende, a partir de uma perspectiva religiosa, que pode trazer benefícios para o sujeito e para sua comunidade. Tanto na concepção biomédica quanto na psicodinâmica, ao interpretar a audição de vozes enquanto patológica, o movimento que decorre é o de eliminar o sintoma, visto que esse é interpretado com uma disfunção.

Pretende-se com esse primeiro esforço tentar restabelecer um diálogo que atualmente é frágil, muito mais voltado a monólogos. Não objetivamos nesse artigo escolher qual perspectiva carrega em si a “verdade”, mas enfatizar o reconhecimento que essas diferentes perspectivas coexistem e atuam em nosso contexto cultural e histórico. A diversidade de perspectivas, sentidos e valores acompanham o ser humano, tanto socialmente quanto individualmente, a vida humana é plural. Na perspectiva das práticas baseadas em valores, o reconhecimento desse pluralismo é a base da construção deste tipo de práticas em saúde, o que possibilita que diferentes formas de viver e significar a vida possam coexistir (Stanghellini, 2017). Este artigo é um convite ao diálogo, não enquanto uma simples troca de informações, mas como a possibilidade do surgimento de uma nova compreensão frente à multiplicidade de vozes (Bakhtin, 1984).

Apesar da preocupação inicial que impulsionou essa pesquisa ser em relação às práticas em saúde mental diante da experiência de ouvir vozes, entendeu-se necessário não apenas buscar pesquisas da área de conhecimento da saúde, mas sim das humanidades. Entende-se que discussões sobre qualquer temática que envolva saúde mental não devem ser exclusivas das ciências biomédicas, mas que acolham também as ciências humanas. Pode-se observar como a ampliação da pesquisa ao utilizar termos que transbordam as áreas da saúde possibilitou que diferentes olhares estivessem presentes na discussão sobre o tema.

Pode-se observar que o monólogo também acontece entre as relações dos ouvidores e os

profissionais da saúde. Bråten (1988) descreve o monólogo como aquele em que uma das partes silencia o outro por dominação, considerando-o como passivo. Entende-se que é de fundamental responsabilidade ética a posição dialógica no contexto do cuidado em saúde mental.

Estudar e praticar cuidados em saúde mental é uma oportunidade única para desenvolver a sensibilidade para a complexidade e a diversidade da existência humana, a capacidade para compreender as outras pessoas, ser tolerante e conviver com elas, e ajudar outras pessoas a serem tolerantes e conviver com os diversos — e, em geral, manter-se aberto ao outro e ser capaz de imaginar a experiência do outro. (Stanghellini, 2017, p. 112, tradução nossa)

Dá-se o nome de injustiça epistêmica à exclusão de um indivíduo ou grupo na produção de conhecimentos, uma discriminação em relação à sua capacidade enquanto conhecedor, assim como no impedimento de acessar, manter e transmitir o conhecimento, devido a um preconceito de identidade (Fricker, 2007). Ao longo da história do Brasil pós-colonizado, a audição de vozes fora de certos contextos religiosos é tida majoritariamente como um fenômeno patológico, um sintoma de uma doença mental. A compreensão do fenômeno de ouvir vozes enquanto sintoma é o principal modelo de interpretação ensinado a profissionais de saúde no Brasil, quiçá o único em muitos locais. O que forma profissionais que irão utilizar tal perspectiva como base na explicação, interação e intervenção de tal fenômeno relatado. Inviabilizando outras possibilidades de interpretação de tal vivência que possam partir do próprio sujeito em seu contexto cultural. É relevante enfatizar também o aspecto estigmatizante ainda presente, ligado à ideia de doença mental, o que faz com que tais estigmas estejam, por consequência, ligados também ao fenômeno de audição de vozes (Corradi-Webster et al., 2017). Miranda Fricker (2007) vai apontar que uma das formas de injustiça epistêmica é a injustiça hermenêutica, na qual uma pessoa tem a interpretação de sua experiência negada ou



ocultada, impedindo ou dificultando a compreensão das suas próprias experiências na sociedade, a partir de seus referenciais hermenêuticos. Desta forma, compreende-se a justiça hermenêutica frente à pessoa que vivencia a audição de vozes se torna uma empreitada ética necessária.

As limitações dessa pesquisa estão em seu próprio recorte, restrito por não conseguir contemplar todas as publicações disponíveis sobre a temática e por ter como objeto apenas as produções científicas publicadas. Entende-se que seria importante a ampliação por meio da utilização de métodos que pudessem trazer como objeto a experiência de profissionais, pesquisadores, líderes religiosos, ouvidores de vozes e suas comunidades, para aprofundar nas experiências em primeira pessoa em relação a como se entende esse complexo fenômeno.

Espera-se que as reflexões realizadas nesse artigo ampliem a visão do leitor acerca do fenômeno de audição de vozes e incitem a abertura para o diálogo. A riqueza do fenômeno da experiência de audição de vozes exige esse cuidado. Diante de sua importância cultural, da diversidade de experiências (positivas e negativas) em relação às vozes, e da heterogeneidade de formas de conviver e lidar com elas, como restringir este fenômeno a um único significado?

## Referências

- Almeida, O. P. (1999). Sintomas psiquiátricos entre pacientes com demência atendidos em um serviço ambulatorial. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 57(4), 937-943. <https://doi.org/10.1590/S0004-282X1999000600007>
- Alvarado, C. S. (2013). Fenômenos psíquicos e o problema mente-corpo: notas históricas sobre uma tradição conceitual negligenciada. *Archives of Clinical Psychiatry*, 40(4), 157-161. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000400006>
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Artmed.
- Aquino, E. D. (2008). Catolicismo popular através da representação mística/mítica de Joana D'Arc. In *Anais do 13º Encontro Estadual de História*. Universidade Estadual da Paraíba, ANPUH-PB. Recuperado em 02 de setembro de 2021, de [http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2011%20-%20Edineide%20Dias%20de%20Aquino%20TC.PDF](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2011%20-%20Edineide%20Dias%20de%20Aquino%20TC.PDF)
- Barros, O. C., & Serpa, O. D., Jr. (2014). Ouvir vozes: um estudo sobre a troca de experiências em ambiente virtual. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 18(50), 557-569. <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0680>
- Barros, O. C., & Serpa, O. D., Jr. (2017). Ouvir vozes: um estudo netnográfico de ambientes virtuais para ajuda mútua. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27(4), 867-888. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000400002>
- Barros, O. C., Melca, F. M. A., & Serpa, O. D., Jr. (2018). Redes e mídias sociais: o potencial multiplicador para a ajuda mútua de ouvidores de vozes. *Journal of Nursing and Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.14120>
- Bakhtin, M. (1984). *Problems of Dostojevskij's poetics: Theory and history of literature* (Vol. 8). Manchester University.
- Bender, A. R. M. J., Tavares, D. H., Coradini, D. R., Lopes, I. F., Farias, I. D., Silva, L. D. A., Ubessi, L. D., & Silveira, P. B. (2018). Um desafio cotidiano: aprender a conviver com as vozes.



*Journal of Nursing and Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.13854>

- Bråten, S. (1988). Between dialogical mind and monological reason: Postulating the virtual other. In M. Campanella (Ed.), *Between rationality and cognition* (pp. 205-235). A. Meynier.
- Brum, N. A., Jardim, V. M. R., Pavani, F. M., & Wetzel, C. (2018). Valorizando as experiências pessoais, dialogando com as vozes e possibilitando o convívio: relatos de Ron Coleman. *Journal of Nursing and Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.14295>
- Broome, M. E. (2000). Integrative literature reviews for the development of concepts. In: B. L. Rodgers, & K. A. Knafl. (Eds.), *Concept development in nursing: foundations, techniques and applications* (pp. 231-250). W. B. Saunders.
- Camargo, A. F. G., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2018). A feitura do santo: percursos desenvolvimentais de médiuns em iniciação no Candomblé. *Psicologia & Sociedade*, 30, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30i189741>
- Campelo, M. M., & Monteiro, A. (2017). Mediunidade e iniciação: notas sobre a iniciação de crianças na umbanda. *Rev. Nufen: Phenom. Interd*, 9(1), 108-126. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S2175-25912017000100008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-25912017000100008)
- Cardano, M. (2018). O movimento internacional de ouvidores de vozes: as origens de uma tenaz prática de resistência. *J. Nurs. Health*, 8, 1-12. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/13981>
- Corradi-Webster, C. M., Leão, E. A., & Rufato, L. S. (2018). Colaborando na trajetória de superação em saúde mental: grupo de ouvidores de vozes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(61), 22-34. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-78412018000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412018000200003&lng=pt&nrm=iso)
- Corradi-Webster, C. M., Santos, M. V., & Leão, E. A. (2017). Construindo novos sentidos e posicionamentos em saúde mental: grupo de ouvidores de vozes. In E. F. Raserá, K. Taverniers, & O. Vilches-Álvarez (Eds.), *Construccionismo Social en acción: Prácticas inspiradoras en diferentes contextos* (pp.167-193). Taos Institute.
- Corstens, D., Escher, S., & Romme, M. (2008). Accepting and working with voices: the Maastricht approach. In A. Moskowitz, I. Schäfer, & M. J. Dorahy (Eds.), *Psychosis, trauma and dissociation: emerging perspectives on severe psychopathology* (pp. 319-332). Wiley & Sons.
- Corstens, D., Longden, E., McCarthy-Jones, S., Waddingham, R., & Thomas, N. (2014). Emerging perspectives from the hearing voices movement: implications for research and practice. *Schizophrenia Bulletin*, 40(suppl. 4), S285-S294.
- Couto, M. L. O., & Kantorski, L. P. (2018). Ouvidores de vozes: uma revisão sobre o sentido e a relação com as vozes. *Psicologia USP*, 29(3), 418-431. <https://doi.org/10.1590/0103-656420180077>
- Couto, M. L. O., & Kantorski, L. P. (2020). Ouvidores de vozes de um serviço de saúde mental: características das vozes e estratégias de enfrentamento. *Psicologia & Sociedade*, 32, e219779. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i219779>
- Coimbra, V. C., Bretanha, A. F., & Rodrigues, C. G. S. S. (2018). Sobre os caminhos do primeiro grupo de ouvidores de vozes no Brasil. *Journal of Nursing and Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.13969>
- Cremonesi, E., Ragazzo, P. C., Lucas, F. J., & Manzano, G. M. (1984). Efeito do cloridrato de quetamina em epilepticos cronicos. *Rev. Bras. Anesthesiol*, 34(1), 17-22. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-23419>
- Cunha, U. G. V., & Rocha, F. L. (1991). Alucinações auditivas musicais no idoso. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 40(6), 287-290. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-311202>
- Diniz, B. S. O., & Krelling, R. (2006). Automutilação de dedos e lábio em paciente esquizofrênico. *Archives of Clinical Psychiatry*, 33(5), 272-275. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000500008>

- Egito, M. A. T., & Silva, E. A. (2019). Grupo de ouvidores de vozes no enfretamento de estigmas e preconceitos. *Revista do NUFEN*, 11(2), 60-76. <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.n02artigo53>
- Fernandes, H. C. D. (2017). Alucinação auditiva: sintoma de doença ou possibilidade de ser doente? *Pólemos – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, 6(12), 48-68. <https://doi.org/10.26512/pl.v6i12.11763>
- Fernandes, H. C. D., & Zanello, V. (2018). Para além da alucinação auditiva como sintoma psiquiátrico. *J. Nurs. Health*, 8, 1-19. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/14042/0>
- Fernandes, H. C. D., & Zanello, V. (2020). Escutar (as) vozes: da qualificação da experiência à possibilidade de cuidado. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36, e3643. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3643>
- Ferreira, W. A. (2010). A estrutura sintática e semântica dos delírios de perseguição e de referência na esquizofrenia paranoide: um estudo de caso. *Ciência & Cognição*, 15(2), 228-238. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212010000200020&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000200020&lng=pt&nrm=iso)
- Fonseca, A. F. (2017). Explicando conceitos espíritas em *mecanismos da mediunidade* parte II: analogia com circuitos elétricos. *Jornal de Estudos Espíritas*, 5, 1-8. <http://dx.doi.org/10.22568/jee.v5.artn.010202>
- Fonseca, A. F. (2020). Mecanismos da mediunidade segundo o espiritismo. *Jornal de Estudos Espíritas*, 8, 010202. <http://dx.doi.org/10.22568/jee.v8.artn.010202>
- Foucault, M. (1997). *História da Loucura na Idade Clássica* (5a ed.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1961).
- Freeman, W. (1957). A amigdaloidectomia no tratamento das alucinações auditivas. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 15(4), 303-305. <https://doi.org/10.1590/S0004-282X1957000400003>
- Fricker, M. (2007). *Epistemic injustice: power and the ethics of knowing*. Oxford University.
- Hott, M. C. M., & Reinaldo, A. M. S. (2020). O potencial consolador das cartas psicografadas na saúde emocional de enlutados. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 30(2), e300220. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300220>
- Johns, L., & Van Os, J. (2001). The continuity of psychotic experiences in the general population. *Clinical Psychology Review*, 21(8), 1125-1141.
- Kantorski, L. P., Andrade, A. P. M., & Cardano, M. (2017). Estratégias, expertise e experiências de ouvir vozes: entrevista com Cristina Contini. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 21(63), 1039-1048. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0031>
- Kantorski, L. P., Cardano, M., Couto, M. L. D. O., Silva, M. S. S. J., & Santos, C. G. (2018). Situações de vida relacionadas ao aparecimento das vozes: com a palavra os ouvidores de vozes. *J. Nurs. Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.14096>
- Kantorski, L. P., Machado, R. A., Alves, P. F., Pinheiro, G. E. W., & Borges, L. R. (2018). Ouvidores de vozes: características e relações com as vozes. *J. Nurs. Health*, 8, 1-13. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/14119>
- Kantorski, L. P., Souza, T. T., Santos, L. H., Farias, T. A., & Couto, M. L. (2018). Ouvidores de vozes: relações com as vozes e estratégias de enfrentamento. *J. Nurs. Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.14121>
- Kardec, A. (2003). *O livros dos médiuns*. Federação Espírita Brasileira. Recuperado em 25 de junho de 2021, de <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2012/07/136.pdf>
- Lopes, I. F., Silva, L. D., Tavares, D. H., Ubessi, L. D., Silveira, P. B., Coimbra, V. C. C., & Jardim, V. M. R. (2018). Reexistindo às vozes dos “eu’s”. *J. Nurs. Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.13853>
- Machado, S. B. (2009). Foucault: a loucura como figura histórica e sua delimitação nas práticas psiquiátricas e psicanalíticas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 12(2), 217-228. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000200004>

- Maraldi, E. O. (2011). *Metamorfoses do espírito: usos e sentidos das crenças e experiências paranormais na construção da identidade de médiuns espíritas*. [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/pte-52678>
- Maraldi, E. O., Alvarado, C., Zangari, W., & Machado, F. R. (2016). Dissociação, crença e criatividade: uma introdução ao pensamento de Théodore Flournoy. *Memorandum*, 30, 12-37. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-914802>
- Maraldi, E. O., Costa, A. S., Cunha, A., Rizzi, A. R., Flores, D., Hamazaki, E. S., Machado, F. R., Medeiros, G. T., Queiroz, G. J. P., Martinez, M. D., Silva, P. A., Filho, Martins, R. M. L. M., Santos, R. A., Siqueira, S. P. S., & Zangari, W. (2020). Experiências anômalas e dissociativas em contexto religioso: uma abordagem autoetnográfica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(2), 147-161. <https://doi.org/10.18065/2020v26n2.3>
- Martins, L. B. (2016). Experiências anômalas tipicamente contemporâneas e psicologia: uma revisão da literatura. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 36(91), 310-328. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X201600020005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X201600020005&lng=pt&nrm=iso)
- Masseto, A. R., Abreu, A. C., Borba, E. F., Silvestri, L. A., Cunha, M. S. B., & Caleiro, M. T. C. (2000). Catatonia: manifestação rara na doença mista do tecido conjuntivo. *Revista Brasileira de Reumatologia*, 40(5), 260-262. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-308801>
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto- Enfermagem*, 17(4), 758-764. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/>
- Menezes, A., Jr., Alminhana, L., & Moreira-Almeida, A. (2012). Perfil sociodemográfico e de experiências anômalas em indivíduos com vivências psicóticas e dissociativas em grupos religiosos. *Archives of Clinical Psychiatry*, 39(6), 203-207. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000600005>
- Mizumoto, S. A. (2012). Dissociação, religiosidade e saúde: um estudo no Santo Daime e na umbanda. [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/pte-52916>
- Monnerat, S. (2018). Relatos sobre suicídio e vozes: um estudo etnográfico. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, 4(7), 161-172. <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2017v4n7ID14977>
- Moreira-Almeida, A. (2013). Pesquisa em mediunidade e relação mente-cérebro: revisão das evidências. *Archives of Clinical Psychiatry*, 40(6), 233-240. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000600005>
- Muñoz, N. M., Serpa, O. D., Jr., Leal, E. M., & Dahl, C. M. (2011). Pesquisa clínica em saúde mental: o ponto de vista dos usuários sobre a experiência de ouvir vozes. *Estudos de Psicologia*, 16(1), 83-89. <https://www.scielo.br/j/epsic/a/mdCNBFf9F3LSXxdtrCfZpkh/abstract/?lang=pt>
- Nigri, L. F., Samelli, A. G., & Schochat, E. (2009). Potenciais evocados auditivos de tronco encefálico em usuários de crack e múltiplas drogas. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 14(4), 528-533. <https://doi.org/10.1590/S1516-80342009000400017>
- Oliveira, M. M., Pereira, G. B., Ramos, C. I., Borges, C. L. S., & Santos, D. E. R. (2018). Ouvidores de vozes no Brasil: as sementes do movimento. *Journal of Nursing and Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.13974>
- Organização Mundial da Saúde. (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamentos da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Artmed.
- Pelbart, P. P. (1989). *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. Brasiliense.
- Peres, J. F. P., & Newberg, A. (2013). Neuroimagem e mediunidade: uma promissora linha de pesquisa. *Archives of Clinical Psychiatry*, 40(6), 225-232. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832013000600004>
- Pimentel, B. L. R. (2018). *O indivíduo e as suas vozes: um estudo sobre a vivência de ouvir vozes*. [Dissertação de Mestrado, Instituto

- Universitário]. <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/6640>
- Pimentel, M. G., Alberto, K. C., & Moreira-Almeida, A. (2016). As investigações dos fenômenos psíquicos/espirituais no século XIX: sonambulismo e espiritualismo, 1811-1860. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 23(4), 1113-1131. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702016005000010>
- Platão. (1997). *Fedro* (Manuel Pulquério e Maria Teresa Schiappa de Azevedo, Trad.). Edições 70.
- Platão. (2022). *Apologia de Sócrates por Platão*. Nova Fronteira.
- Ramos, D. F., Magalhães, J., Santos, P., Vale, J., & Santos, M. I. (2020). Recurrent sleep paralysis - fear of sleeping. *Revista Paulista de Pediatria*, 38, e2018226. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2020/38/2018226>
- Rocha, M. B., Severo, A. K. S., & Félix-Silva, A. V. (2019). Nos batuques dos quintais: as compreensões dos povos de umbanda sobre saúde, adoecimento e cuidado. *Physis*, 29(3) e290312. <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsm/resource/pt/biblio-1056949>
- Scorsolini-Comin, F., & Campos, M. T. (2017). Narrativas desenvolvimentais de médiuns da umbanda à luz do modelo bioecológico. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 17(1), 364-385. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/35213/25546>
- Scorsolini-Comin, F., Godoy, H. V., & Gaia, R. S. P. (2020). Sentidos da mediunidade nos candomblés ketu e efon. *Cultura y Religión*, 14(2), 36-55. <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-47272020000200104>
- Shimabucuro, A. H. (2010). *Representações sociais de fenômenos anômalos em profissionais clínicos de psicologia e psiquiatria*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.47.2010.tde-05052010-143750>
- Sousa, A. S., & Souza, G. L. (2018). Um pouco da história da formação de um grupo de ouvidores de vozes: entrevista com Abmael de Sousa Alves. *Journal of Nursing and Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.13971>
- Souza, T. T., Couto, M. L. O., & Kantorski, L. P. (2018). Uma nova visão acerca da experiência de ouvir vozes. *Journal of Nursing and Health*, 8. <https://doi.org/10.15210/jonah.v8i0.13836>
- Stanghellini, G. (2017). *Lost in dialogue: anthropology, psychopathology, and care*. Oxford University.
- Torres, C. M. (2016). *Religiosidade e experiências anômalas no protestantismo brasileiro*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. doi. [org/10.11606/T.47.2016.tde-17082016-160937](https://doi.org/10.11606/T.47.2016.tde-17082016-160937)
- Valença, A. M. (2008). Aspectos psicopatológicos e forenses de mulheres homicidas com diagnóstico de transtornos psicóticos primários: estudo de série de casos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 57(4), 253-260. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852008000400005>
- Vergílio, S. R., & Holanda, A. F. (2010). Analogias e diferenças entre reuniões mediúnicas espíritas e o atendimento em psicologia clínica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(2), 173-182. Recuperado em 19 de junho de 2024, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000200007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200007&lng=pt&tlng=pt).
- Vergílio, S. R., & Holanda, A. F. (2011). Reuniões mediúnicas espíritas: explorando significados e efeitos para seus participantes. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 4(2), 264-275. Recuperado em 19 de junho de 2024, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202011000200008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202011000200008&lng=pt&tlng=pt)
- Zacarias, C. A. N., Machado, R. A., Ubessi, L. D., Lemões, M. A. M., Borges, J. F. A., & Kantorski, L. P. (2018). Do silêncio à palavra: narrativa de uma pessoa que ouviu vozes calada. *J. Nurs. Health*, 8, 1-5. Recuperado em 25 de junho de 2021, de <https://www.sumarios.org/artigo/do-sil%C3%A0ncio-%C3%A0-palavra-narrativa-de-uma-pessoa-que-ouviu-vozes-calada>
- Zangari, W., & Maraldi, E. O. (2009). Psicologia da mediunidade: do intrapsíquico ao psicossocial. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 29(2), 233-252. Recuperado em 19 de junho de 2024, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X200900200003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X200900200003&lng=pt&tlng=pt)